

SEÇÃO IV

Economia Agrícola

Sumário

A previsão da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea para o produto interno bruto (PIB) do setor agropecuário é de crescimento de 1,4% em 2019. Por segmento, a previsão é de alta de 1,0% no valor adicionado da lavoura e de 1,8% no valor adicionado da pecuária. As culturas que mais contribuíram negativamente para o valor adicionado da lavoura foram a cana-de-açúcar e o café, com queda de 1,1% e 16,5%, respectivamente. Em relação à pecuária, bovinos, aves e ovos foram os componentes que impulsionaram o crescimento do valor adicionado do segmento, com altas de 2,1%, 2,1% e 3,4% no volume produzido. Para 2020, a previsão é de aceleração do crescimento do PIB do setor, que deve ficar entre 3,2% e 3,7%, dependendo do prognóstico de safra de grãos levado em consideração – do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

O setor externo apresentou contração de 6% entre janeiro e outubro de 2019, comparado ao mesmo período de 2018. Apesar do crescimento significativo em valor em três produtos importantes na pauta de exportação – milho, algodão e carne de suíno –, houve contração das exportações de soja em grãos, farelo de soja, celulose e açúcar, claramente ainda os principais produtos da pauta. Embora o valor das importações brasileiras de produtos agroindustriais seja muito inferior ao das exportações, houve pequeno crescimento de 1% entre janeiro a outubro de 2019, comparado ao mesmo período de 2018. O trigo, apesar de ser o produto importado mais significativo, apresentou queda no volume e aumento de 2% em valor. Os insumos continuam sendo destaque entre os importados, com crescimento de 17% nos dez primeiros meses de 2019 em relação 2018.

Esta seção conta ainda com a análise detalhada feita pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Universidade de São Paulo (USP) dos mercados e preços agropecuários domésticos. Considerando o panorama geral de 2019 até o momento, os preços estão em menores patamares para soja, milho e algodão, e maiores para o arroz e o trigo. As grandes safras do milho e do algodão são o principal fator de pressão sobre os preços em 2019. Nesse período, também foram verificadas quedas de preços para os produtos pecuários.

Esta seção de Economia Agrícola conta ainda com a subseção de crédito rural, que apresenta o fechamento do ano safra 2018/2019, as contratações e as condições de crédito, e com uma subseção de insumos, com destaque para os fertilizantes e a produção de máquinas agrícolas.

Editores:

Ana Cecília Kreter

Pesquisadora da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ana.kreter@ipea.gov.br

José Ronaldo de C. Souza Júnior

Diretor da Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)/Ipea

ronaldo.souza@ipea.gov.br

1 Nível de atividade e emprego

1.1 PIB Agropecuário 2019 e 2020 ¹

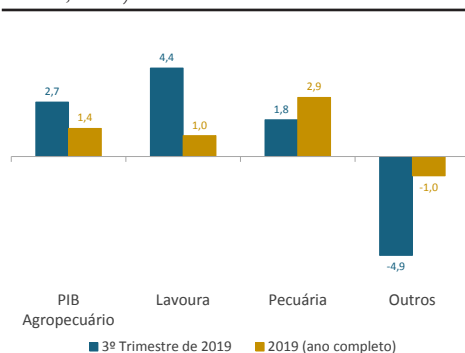
Para o ano de 2019, a previsão da Dimac/Ipea para o PIB Agropecuário é de crescimento de 1,4%. Esse crescimento representa uma revisão positiva do número divulgado na *Carta de Conjuntura* no 44 (agosto de 2019), que foi de 0,5%. O ajuste se deve principalmente a uma expectativa de revisão positiva, pelo IBGE, do PIB Agropecuário dos dois primeiros trimestres deste ano – com base nos dados de produção divulgados recentemente. Levando em consideração as estimativas do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) do IBGE, é previsto um crescimento de 1,0% no valor adicionado (VA) da lavoura. Para a pecuária, com base nas informações das Pesquisas Trimestrais do Abate de Animais, do Leite, do Couro e da Produção de Ovos de Galinha e das previsões do United States Department of Agriculture (USDA) – complementadas por previsões econométricas próprias –, estima-se crescimento de 2,9% em seu valor adicionado. Em sentido contrário, o componente outros² deve contribuir negativamente para o setor, com uma queda de 1,0% em 2019.

Para 2020, a previsão da Dimac/Ipea é de aceleração do crescimento econômico do setor. Foram elaboradas previsões que se diferenciam pelos cenários para a safra de grãos 2019/2020. Usando o primeiro prognóstico de safra do IBGE, divulgado neste mês, a nossa previsão de crescimento do PIB agropecuário é de 3,2% em 2020. Já levando em consideração o levantamento de safra de grãos da Conab, a previsão fica ainda mais elevada: 3,7%. Os determinantes do crescimento de 2019 e de 2020 serão analisados na sequência.

1.1.1 PIB Agropecuário do terceiro trimestre de 2019

As estimativas da Dimac/Ipea apontam que, no terceiro trimestre de 2019, o PIB do setor agropecuário cresceu 2,7% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior. A alta no período é explicada pelo bom desempenho de segmentos da lavoura com relevância no trimestre. Entre os destaques positivos, as produções de milho e algodão foram as duas que mais contribuíram positivamente, com aumentos previstos de 23,2% e 39,7%, respectivamente, para o volume produzido no ano. No sentido contrário, as produções de cana-de-açúcar e de café contribuíram negativamente para

GRÁFICO 1
Previsão de crescimento do PIB agropecuário por componente (3o trim./2019)
(Taxa de variação em relação ao mesmo período do ano anterior, em %)



Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1. Subseção elaborada por Pedro M. Garcia, José Ronaldo de C. Souza Júnior e Ana Cecília Kreter, todos da Dimac/Ipea.

2. O componente outros inclui: produtos da exploração florestal e da silvicultura; pesca e aquicultura (peixe, crustáceos e moluscos).

um resultado, com quedas previstas de 1,1% e 16,5%, respectivamente, no volume de produção anual.

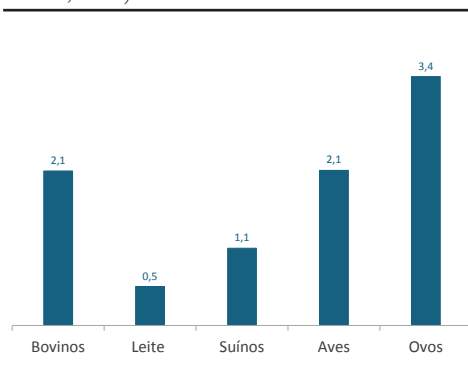


A pecuária também contribuiu positivamente para o resultado do setor no trimestre, com crescimento estimado de 1,8%. Todos os segmentos apresentaram variação positiva, com destaque para a produção de bovinos, que é o produto com maior peso no segmento e cresceu 2,1%. Outros destaques positivos ficaram por conta da produção aves e de ovos, com altas de 2,1%, e 3,4% no volume produzido, respectivamente. O resultado para a pecuária no trimestre só não foi superior porque a produção de leite apresentou baixo crescimento, de 0,5%, e puxou o resultado positivo para baixo. O segmento outros, por sua vez, apresentou resultado dissonante e é prevista uma queda de -4,9% no terceiro trimestre.

GRÁFICO 2

Pecuária: taxa de crescimento interanual do volume produzido (3o trim./2019)

(Taxa de variação em relação ao mesmo período do ano anterior, em %)



Fonte: IBGE.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1.1.2 VA da agricultura em 2019

As previsões de safra do LSPA indicam que a maior contribuição da lavoura para o ano de 2019 virá principalmente da produção do milho, que tem uma alta estimada em 23,2%, impulsionada pelo crescimento expressivo de 33,6% na segunda safra. A transformação da “safrinha” em principal safra se deve à diminuição da área plantada do grão na primeira safra decorrente da competição de área com a soja. Em termos de volume, em 2019, a segunda safra representou cerca de 73% da produção nacional do grão. Além do milho, outro segmento que deve apresentar forte alta é a produção de algodão, com estimativa de crescimento de 39,7% no volume produzido. O aumento no volume está fortemente associado ao crescimento da área plantada, em especial no Mato Grosso e na Bahia, que juntos representam 88% da produção de algodão em pluma do país. Apesar disso, o crescimento da lavoura no ano não deve ser expressivo por conta das estimativas de queda na produção de determinados produtos que figuram entre aqueles com maior peso no seu valor adicionado, quais sejam: a soja, a cana-de-açúcar e o café. Café e soja já tinham sido apontados na *Carta de Conjuntura* no 44 como sendo os principais responsáveis pela queda nas estimativas: o café, por 2019 ser um ano de bialidade negativa, e a soja, por não conseguir manter o alto patamar de produção de 2017/2018, quando a cultura atingiu seu recorde. A queda na produção de soja, por exemplo, anula parte da contribuição positiva – de 2,1 pontos percentuais (p.p.) – da produção de milho para o VA da lavoura, conforme mostra a tabela 1.

TABELA 1

Previsão da produção agrícola para o ano de 2019

Produtos da Lavoura	Var. prevista na Produção	Contribuição em p.p. para o PIB da lavoura
Arroz	-12,0	-0,2
Milho	23,2	2,1
Trigo e outros cereais	0,0	0,0
Cana-de-açúcar	-1,1	-0,2
Soja	-4,1	-1,6
Outros produtos e serviços da lavoura	0,9	0,1
Mandioca	3,6	0,1
Fumo	-4,3	-0,1
Algodão herbáceo e outras fibras	39,7	1,7
Laranja	6,3	0,2
Café	-16,5	-1,1

Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1.1.3 VA da pecuária em 2019

No que se refere à pecuária, as previsões da Dimac/Ipea, tendo como base as informações do USDA e das pesquisas trimestrais do IBGE, permanecem com uma perspectiva crescimento para todos os itens em 2019, com destaque para as produções de bovinos, suínos e ovos, conforme mostra a tabela 2. Todas as carnes – bovinos, suínos e aves – apresentaram aumento significativo na produção, impulsionada pelo aumento das exportações decorrente, em parte, da Peste Suína Africana (PSA) nos países asiáticos. Destaque ainda para a habilitação de novas plantas para a exportação de carnes para a China e Arábia Saudita. Nesse sentido, a produção de bovinos deve crescer de 3,1% e apresentar a maior contribuição positiva, de 1,6% para o resultado positivo no ano do componente da pecuária.

TABELA 2

Previsão da produção pecuária para o ano de 2019

Produtos da Pecuária	Var. prevista na Produção	Contribuição em p.p. para o PIB da pecuária
Bovinos	3,1	1,6
Leite	2,4	0,5
Suínos	4,2	0,3
Aves	0,5	0,1
Ovos	5,2	0,5

Fonte: USDA/Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

1.1.4 PIB Agropecuário de 2020

Para o ano de 2020, as primeiras informações indicam que o setor deve apresentar resultados superiores ao esperado para 2019. A Dimac/Ipea utilizou a projeção para a pecuária do USDA, as previsões da Conab e o prognóstico do IBGE para a safra 2019/2020 (tabela 3) para estimar dois cenários para o PIB Agropecuário (tabela 4). Nos dois casos, o setor agropecuário deve apresentar crescimento acima de 3,0%. O milho, que vem sobressaindo no ano de 2019, e que tem uma previsão de aumento de 0,9% da área plantada na primeira safra, deve ter queda de ao menos

1,7% na produção na safra 2019/2020, cedendo seu lugar de destaque à produção de soja, que deve crescer no mínimo 4,7%. A soja é o segmento com maior peso no VA da lavoura e seu resultado deve responder por boa parte do crescimento deste componente. Sendo o principal produto agroindustrial da pauta de exportação, e fortemente dependente do mercado internacional, a soja brasileira vem se beneficiando da guerra comercial entre a China e os Estados Unidos, e da consequente baixa nos estoques do grão no país asiático. Internamente, a demanda deve se manter aquecida tanto pela mudança de B11 para B12 na mistura do biodiesel, quanto pelo aumento da produção de carnes para exportação.

Segundo o USDA, a pecuária é o principal destaque de 2020, com expectativa de crescimento de 4,3%, liderado por uma alta de 5,8% na produção de bovinos. Ainda de acordo com o USDA, a pecuária deve apresentar um recorde de produção, impulsionado principalmente pelo aumento na demanda de países como China, Hong Kong e Emirados Árabes. Por fim, o componente outros deve recuar 2,9%. Por fim, a Dimac/Ipea utilizou modelos de previsão de série de tempo para estimar que o componente outros deve recuar 2,9%.

TABELA 3
Previsão da produção para a safra 2019/2020
(Variação, em %)

Segmentos	Variação prevista na produção	
	LSPA	CONAB
Algodão herbáceo	-0.1	0.2
Amendoim (Total)	n.d.	32.5
Amendoim (1ª Safra)	4.5	33.3
Amendoim (2ª Safra)	n.d.	3.2
Arroz	1.6	0.2
Cana-de açúcar	n.d.	0.3
Feijão (Total)	n.d.	0.1
Feijão (1ª Safra)	-1.5	5.0
Feijão (2ª Safra)	n.d.	-3.1
Feijão (3ª Safra)	n.d.	-1.0
Girassol	n.d.	-6.5
Mamona	n.d.	1.6
Milho (Total)	n.d.	-1.7
Milho (1ª Safra)	-1.2	2.4
Milho (2ª Safra)	n.d.	-3.1
Soja	4.7	5.1

Fonte: LSPA e CONAB.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

TABELA 4
Previsão de crescimento do PIB Agropecuário para o ano de 2020
(Variação, em %)

Fonte principal dos dados da Lavoura	PIB Agropecuário	Valor adicionado da Lavoura
Prognóstico de safra do LSPA/IBGE	3,2	3,3
Acompanhamento de safra da CONAB	3,7	4,2

Fonte: Ipea.
Elaboração: Grupo de Conjuntura/Dimac/Ipea.
Obs.: Para os produtos em que não havia previsões no LSPA, utilizou-se as previsões da Conab. Quando nenhuma das duas fontes detinha previsões para determinado produto, foram utilizados modelos econométricos de séries de tempo.

1.2 Renda no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços³



Os cálculos mais recentes do Cepea/Esalq/USP, feitos em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), consideram informações até agosto de 2019. O cenário do PIB do agronegócio esperado para o ano não mudou de forma significativa frente ao apresentado na Carta de Conjuntura anterior. Caminha-se para a consolidação do quadro. A queda interanual no PIB-volume do agronegócio está projetada para -0,61% em 2019. Entre

O *agronegócio* é entendido como a soma de quatro segmentos: insumos para a agropecuária, produção agropecuária básica, ou primária, agroindústria (processamento) e agrosserviços.

os segmentos, apenas o de insumos deve crescer, sendo esperadas reduções para os segmentos primário, agroindustrial e de agrosserviços. Além das variações em volume do PIB, o Cepea também calcula, em parceria com a CNA, as variações de preços relativos e do PIB-renda do agronegócio e de seus segmentos. A tabela 5 mostra a variação interanual estimada para esses indicadores, assim como a taxa acumulada no ano, consideradas informações até agosto de 2019.

TABELA 5

Varição interanual do PIB-renda do agronegócio e dos preços relativos¹ (2019)

(Em %)

Segmento	Preços Relativos*	PIB-renda do Agronegócio
Insumos	7,84	12,77
Primário (Agropecuária)	-4,53	-4,84
Agroindústria	4,99	3,79
Agrosserviços	4,76	3,68
Agronegócio Total	2,71	2,08
Acumulado do ano	1,80	1,38

Fonte: Cepea/USP; CNA; IBGE; Conab; Associação Nacional para Difusão de Adubos (ANDDA).

Nota: 1 Comparação entre os deflatores do PIB do agronegócio e do PIB da economia toda.

Obs.: Com informações de janeiro a agosto de 2019.

Apesar da queda de volume esperada para o ano de 2019, os preços relativos do setor tiveram taxa interanual positiva em 2,71% nesta análise. Os preços estão melhores em 2019 para os insumos, para a agroindústria e para os agrosserviços, mas apresentaram queda no segmento primário. Esse aumento dos preços relativos nos segmentos industriais e de serviços reflete principalmente o desempenho das cadeias pecuárias.

Consideradas as variações de volume e de preços, a alta do PIB-renda do agronegócio até agosto é de 1,38%, com taxa interanual de variação em 2019 de 2,08%, frente a 2018. Variações positivas são esperadas para insumos, agroindústria e agrosserviços, além de redução para o segmento primário. Em geral, esse resultado advém de cenários opostos entre os ramos do agronegócio, agrícola e pecuário.

3. Subseção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros e Nicole Rennó Castro, ambos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq) da Universidade de São Paulo (USP).

No ramo agrícola, que envolve todas as atividades relacionadas aos produtos de origem vegetal, a queda esperada do PIB-renda do agronegócio decorre sobretudo da baixa da renda na agricultura (dentro da porteira), com queda interanual de 15,6%. No outro extremo, a alta interanual esperada para a renda do segmento de insumos agrícolas é de expressivos 15,95%. Para a agroindústria e os agrosserviços do ramo agrícola, as taxas esperadas são mais modestas, de 1,67% e -1,06%, respectivamente.

Para a agricultura, em 2019, em comparação com 2018, maiores custos de produção estão associados a reduções de preços para produtos importantes, como algodão, café, mandioca, milho e soja. Essa combinação de fatores tem pressionado a renda do segmento, que deverá cair este ano, mesmo com o aumento do volume produzido frente a 2018. Quanto ao volume de produção, ele foi impulsionado principalmente pelas maiores safras de milho, algodão, laranja, banana e mandioca.

No outro extremo, o segmento de insumos agrícolas tem sido impulsionado pelos maiores preços dos fertilizantes e pelos maiores preços e produção de defensivos. Esse cenário, embora favoreça o PIB do segmento, deverá impactar fortemente o custo de produção da safra agrícola 2019/2020. Segundo estudo da equipe Custos Agrícolas/Cepea,⁴ no caso da soja, por exemplo, a maior parte dos fertilizantes para a safra 2019/2020 já foi negociada aos preços muitos altos do primeiro semestre do ano (os mais altos para o primeiro semestre em nove anos). Com isso, espera-se que o custo de produção da próxima safra seja o mais alto desde 2010.

Ao contrário, no ramo pecuário (que envolve todas as atividades relacionadas aos produtos de base animal), são esperadas altas da renda para todos os segmentos. O elevado custo de produção também tem marcado a pecuária, mas as cadeias do ramo têm aumentado sua produção e se beneficiado com a alta expressiva dos preços das proteínas. Essa alta, por sua vez, decorre principalmente da demanda externa aquecida pelas carnes, destacando-se o efeito da PSA sobre os mercados. O aumento dos preços poderia ter sido maior, não fosse o consumo interno ainda bastante enfraquecido.

2 Setor externo ⁵

A tabela 6 apresenta os dados de exportações dos principais produtos do agronegócio com base na nomenclatura PPE no acumulado do ano até outubro. O total das exportações desse conjunto sofreu queda de 6% em valor, nesse período. O principal produto de exportação brasileira entre eles, a soja, vem sofrendo redução das exportações tanto por diminuição do volume quanto da queda dos preços. No período considerado, o valor exportado caiu 22%, devido a uma redução do volume de 12% e dos preços, também de 12%. Além de a soja ser o principal produto do agronegócio exportado pelo Brasil, o país é o maior exportador global do

4. Disponível em: <<https://www.cepea.esalq.usp.br/upload/revista/pdf/0691526001567691145.pdf>>.

5. Subseção elaborada por Marcelo Nonnenberg e Ana Cecília Kreter, ambos da Dimac/Ipea.

produto, com participação crescente no mercado, ao mesmo tempo que as exportações do segundo maior exportador, os Estados Unidos, vêm se reduzindo, em parte consequência da guerra comercial com a China.

TABELA 6

Exportação - Valor (em US\$ milhões), peso (em mil toneladas) e preço médio para os principais produtos, janeiro-outubro 2018-2019

PPE	Valor			Peso			Variação do preço médio
	2018	2019	Variação	2018	2019	Variação	
Soja mesmo triturada	29.584	22.937	-22%	74.369	65.404	-12%	-12%
Celulose	6.845	6.548	-4%	12.509	12.625	1%	-5%
Milho em grãos	2.657	5.923	123%	15.658	34.722	122%	1%
Carne de frango congelada, fresca ou refrig. incl. miúdos	4.887	5.182	6%	3.200	3.182	-1%	7%
Carne de bovino congelada, fresca ou refrigerada	4.452	4.879	10%	1.096	1.224	12%	-2%
Farelo e resíduos da extração de óleo de soja	5.616	4.814	-14%	14.133	13.639	-3%	-11%
Açúcar de cana, em bruto	4.522	3.693	-18%	15.083	13.087	-13%	-6%
Café cru em grão	3.290	3.661	11%	1.347	1.790	33%	-16%
Fumo em folhas e desperdícios	1.499	1.774	18%	349	453	30%	-9%
Algodão em bruto	925	1.723	86%	534	1.039	94%	-4%
Carne de suíno congelada, fresca ou refrigerada	881	1.137	29%	452	516	14%	13%
Demais produtos	11.298	9.575	-15%	-	-	-	-
Total	76.456	71.845	-6%	-	-	-	-

Fonte: Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Por essas razões, uma redução das exportações desse produto tem um impacto importante sobre as exportações totais. Em primeiro lugar, a produção brasileira de soja, após vários anos seguidos de elevação, deve experimentar uma queda de cerca de 3,6% em 2019. Em segundo lugar, a PSA na China, que provocou o abate de grande parte do rebanho a partir de meados do ano passado, reduziu muito fortemente a demanda por rações naquele país, com impactos sobre os volumes e os preços de exportação. Esse efeito é amplificado pelo fato de a China representar cerca de 75% das exportações de soja. Claro que esse fenômeno beneficiou as exportações de carne, mas em um montante bem menor, como se verá a seguir. Os preços da soja, no mercado internacional, que chegaram a atingir US\$ 381/t em abril do ano passado, caíram para US\$ 324/t em abril deste ano, chegando a US\$ 322/t em setembro. Contudo, os preços, em outubro, voltaram a se recuperar e os mercados futuros apontam para novas altas no próximo ano. As exportações de farelo de soja também caíram fortemente no período, com redução de 14% em valor, 3% em quantidade e 11% em preços.

É importante destacar que a China é o principal consumidor mundial de óleo vegetal. O país tem passado por muitas mudanças no que se refere a produção, importação e armazenamento desses óleos. Mesmo sendo o segundo maior produtor depois da Indonésia, a China importa cerca de três quartos do que consome. Segundo o USDA, o país vinha em um aumento crescente da produção até a safra 2018/2019, quando apresentou queda de 8 milhões de toneladas em relação à safra anterior. Inclusive, guerra comercial com os Estados Unidos iniciou-se em 2018. Além da soja, a China tem buscado em outros vegetais, como a colza, alternativas para o consumo interno. Entretanto, com os estoques baixos e um crescimento esperado de 2% no consumo, a expectativa do USDA é que o país fique mais dependente das importações, o que de certa forma ainda pode beneficiar o Brasil.

As exportações de celulose caíram 4% em valor no acumulado do ano, em razão de uma queda de 5% nos preços, uma vez que as quantidades aumentaram 1% no mesmo período. As exportações para a China, que representam cerca de 43% do total, ficaram praticamente estáveis no período, ao mesmo tempo que para os Estados Unidos, que são o segundo maior comprador, as vendas aumentaram 21,7%, mas para a maioria dos demais parceiros, as exportações apresentaram queda.

As exportações de milho tiveram um desempenho sem precedentes. O valor das vendas aumentou 123% no período, resultado de crescimento de 122% nas quantidades e 1% nos preços. Esse desempenho é resultado, por um lado, do forte aumento da produção brasileira de milho, em especial da segunda safra, responsável atualmente por cerca de 75% do total. De acordo com a mais recente estimativa da Conab, a produção na safra 2018/2019 deve crescer 24%. Por outro lado, as exportações norte-americanas também foram prejudicadas por fatores climáticos, o que fez o USDA revisar as expectativas de produção para a próxima safra.

Quanto ao destino dos produtos brasileiros, a queda das exportações para a China foi compensada pelo forte aumento das exportações para outros países asiáticos. Para Japão, Coreia do Sul e Vietnã, por exemplo, as exportações cresceram 103 vezes; 8,5 vezes; e 2,3 vezes, respectivamente. A China, apesar de ser um importante comprador do grão no mercado mundial, acabou se tornando também um dos principais exportadores de amido de milho, atendendo principalmente o mercado asiático. No mercado internacional, no entanto, as exportações chinesas não são competitivas há mais de uma década, já que os preços domésticos permanecem mais altos que os níveis mundiais.

As exportações de carne de frango cresceram 6% no acumulado do ano, graças a uma elevação de 7% nos preços, que mais do que compensou a queda de 1% nas quantidades. Como esperado, as exportações para a China cresceram 40,5%, impulsionadas pela queda a produção de proteínas animais, consequência da PSA. Para alguns dos maiores consumidores, como Coreia do Sul, Emirados Árabes Unidos e Japão, as vendas aumentaram mais de 10% no período, mas foram negativamente compensadas por menores vendas para diversos países como Hong Kong, que registrou redução de 14,7%.

A carne bovina teve um crescimento um pouco maior, de 10% em valor, resultado de aumento de 12% nas quantidades e queda de 2% nos preços. Mais uma vez, as exportações para a China, o maior mercado, tiveram forte aumento, de 36,6%; para os Emirados Árabes Unidos o aumento foi de 159%. Mas, para alguns grandes mercados, como Irã, Hong Kong e Chile, houve redução.

Para os próximos meses, a expectativa é de aumento das exportações de carnes. A Arábia Saudita habilitou recentemente oito frigoríficos para a exportação de carne bovina. Seguindo a mesma tendência, a China também habilitou mais treze plantas brasileiras, sendo cinco de carne suína, cinco de carne bovina e três de aves. Segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), a expectativa é de

aumento da oferta de proteína animal no mercado internacional. Para a China, por exemplo, o Brasil passa a contar 16 plantas habilitadas para a exportação de carne suína e 46 de aves.

As exportações de açúcar em bruto caíram 18% em valor, com queda de 13% em quantidade e de 6% nos preços. Este ano, está sendo observada uma grande disparidade nas exportações brasileiras de açúcar. Por um lado, as vendas para alguns dos maiores mercados tiveram fortes altas, como a China (94,1%), Irã (840%), Estados Unidos (54,4%) e Iêmen (20,1%). Por outro, em razão de elevação das exportações de alguns países asiáticos, como a Tailândia, as vendas para outros grandes mercados sofreram fortes quedas: Canadá (-61%), Egito (-22,5%), Emirados Árabes Unidos (-40,4%), Índia (-58,5%) e Malásia (-70,2%).

O café teve forte crescimento no acumulado do ano, com aumento de 11% em valor, o que resulta na elevação de 33% nas quantidades e queda de 16% nos preços. De acordo com Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé), as exportações do ano de 2019 (de janeiro a outubro) permanecem como as maiores dos últimos cinco anos, com destaque para o crescimento de 58,3% da variedade conilon. Vale ressaltar que as exportações em quantidade cresceram bem mais do que a média mundial, que foi de 8% nos doze meses encerrados em setembro, de acordo com a Organização Internacional do Café. Nesse mesmo período, as exportações brasileiras cresceram 29%, muito acima do resultado dos principais exportadores, como Colômbia e Vietnã. Os preços do café no mercado internacional, após um período de queda entre o final de 2017 e meados deste ano, parecem ter se estabilizado. As vendas aumentaram para todos os continentes – entre os principais mercados brasileiros, destaque para os Estados Unidos (21,5%) e Alemanha (15,7%) no acumulado do ano. Ainda segundo o Cecafé, todos os principais países consumidores do café brasileiro, exceto Reino Unido, apresentaram aumento das importações em 2019 frente a 2018.

O fumo apresentou aumento de 18% em valor, com aumento de 30% em quantidade e queda de 9% nos preços. Esse aumento decorreu, sobretudo, de uma forte recuperação das vendas para a China, que cresceram 340% no período, e para a Bélgica, maior consumidor, com aumento de 27%.

As exportações de algodão aumentaram 86% em valor, com elevação de 94% em quantidade e redução de 4% nos preços. Esse aumento ocorreu em todos os principais exportadores, como Indonésia, Malásia e Vietnã, mas principalmente em razão de elevação de 308% nas vendas para a China, que se tornou o maior mercado para o Brasil, de 102% para Bangladesh e de 114% para a Turquia. Segundo a Conab, os embarques foram estimulados pela safra recorde do produto em 2018/2019, que apresentou crescimento de 35,9% frente a safra passada.

As vendas de carne suína cresceram 29% em valor, com elevação de 14% nas quantidades e 13% nos preços. Evidentemente, o principal responsável por esse aumento foram as vendas para a China, o principal mercado brasileiro, que cres-

ceram 67%, devido à PSA. Além disso, as vendas para a Rússia foram retomadas e cresceram 195%, ao mesmo tempo que, para o Chile, o aumento foi de 47%. Ainda assim, o efeito da PSA foi negativo para o Brasil.

No total dos mercados, a queda de US\$ 6,6 bilhões nas exportações brasileiras de soja no período superou em muito o aumento de US\$ 1,7 bilhão nas exportações de proteína animal, o que gerou uma queda de 6% no valor dos principais produtos de exportação brasileiros.

A tabela 7 apresenta os dados de importações dos principais produtos do agronegócio com base na nomenclatura PPI no acumulado do ano até outubro. No conjunto, esses produtos tiveram elevação de 1% no valor importado. As importações de trigo subiram 2% em valor, com redução de 3% nas quantidades e aumento de 6% nos preços. Vale notar que a redução na quantidade importada ocorreu simultaneamente a uma queda prevista na produção de 5,1%, de acordo com a Conab. Isso sugere que as importações nos dois últimos meses do ano deverão crescer, de forma a equilibrar o mercado. De toda forma, deverá haver uma queda dos estoques do produto no Brasil.

TABELA 7

Importação - Valor (em US\$ milhões), peso (em mil toneladas) e preço médio para os principais produtos, janeiro-julho 2018-2019

PPI	Valor			Peso			Variação do preço médio
	2018	2019	Variação	2018	2019	Variação	
Trigo em grãos	1.241	1.270	2%	5.671	5.479	-3%	6%
Malte inteiro ou partido, não torrado	317	442	39%	630	885	40%	-1%
Salmões-do-pacífico, etc. frescos, refrig. exc. filés, etc.	420	440	5%	63	70	12%	-6%
Produtos hortícolas preparados/conserv. em ácido acético	388	405	4%	412	420	2%	2%
Demais produtos semimanufaturados	327	384	17%	308	395	28%	-8%
Vinho de uvas	309	307	-1%	98	99	1%	-2%
Azeite de oliva, virgem	321	289	-10%	57	62	10%	-18%
Borracha natural, balata, guta-percha, guaiule, chicle, etc.	298	282	-6%	194	190	-2%	-4%
Preparações alimentícias, outras	218	236	8%	36	39	8%	1%
Preparações utilizadas na alimentação de animais	236	223	-6%	79	85	8%	-12%
Demais produtos	3.328	3.219	-3%	-	-	-	-
Total	7.405	7.496	1%	-	-	-	-

Fonte: SECEX.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

As importações de malte, principal insumo da indústria cervejeira, cresceram 39% em valor, basicamente devido ao aumento de 40% nas quantidades importadas, e uma queda de 1% nos preços.

As importações dos produtos seguintes na tabela – salmões, produtos hortícolas preparados e demais semimanufaturados – tiveram crescimento de 5%, 4% e 17%, respectivamente. Os outros produtos, com apenas uma exceção, sofreram queda nos valores importados. Entretanto, nos casos de vinhos, azeite, borracha e preparações para animais, as quedas foram devidas exclusiva ou parcialmente aos preços.

A tabela 8 mostra a evolução das importações dos principais insumos utilizados na agropecuária entre os primeiros dez meses de 2018 e de 2019. No conjunto, as

importações desses produtos cresceram 17% no acumulado do ano até outubro. Os principais insumos apresentaram forte elevação no período. Inseticidas, formicidas e herbicidas cresceram 22%, adubos e fertilizantes, 16%, e compostos organo-inorgânicos, 41%. Em quantidades, as importações desses produtos variaram de forma muito semelhante. Como a produção agropecuária não está crescendo na mesma proporção, provavelmente deve estar havendo substituição de produtos domésticos por produtos importados.

TABELA 8

Valor (em US\$) importado de insumos agrícolas segundo PPI, janeiro a outubro de 2018-2019

PPI	Valor		Variação
	2018	2019	
Inseticidas, formicidas, herbicidas e prods.semelhantes	2.095.160.655	2.550.537.143	22%
Adubos ou fertiliz.cont.nitrogênio,fósforo e potássio	943.693.301	1.095.672.222	16%
Compostos organo-inorgânicos	371.549.159	524.029.773	41%
Borracha natural,balata,guta-percha,guaiule,chicle,etc.	298.418.955	281.517.326	-6%
Preparações utilizadas na alimentação de animais	236.420.761	223.251.036	-6%
Compostos heterocíclicos, seus sais e sulfonamidas	156.137.882	199.988.239	28%
Ácidos carboxílicos, seus anidridos, halogenetos, etc.	82.173.748	87.165.507	6%
Compostos de funções nitrogenadas	41.025.827	48.993.407	19%
Produtos e preparações das ind.quím.ou conexas, outros	43.476.158	46.915.032	8%
Demais produtos manufaturados	95.436.161	43.162.693	-55%
Demais produtos básicos	41.468.519	42.565.624	3%
Demais produtos semimanufaturados	16.703.125	31.751.109	90%
Total	4.421.664.251	5.175.549.111	17%

Fonte: SECEX.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

3 Mercados e preços agropecuários ⁶

De forma semelhante ao segundo trimestre do ano, a desvalorização do real frente ao dólar impulsionou o preço da soja brasileira no terceiro trimestre, juntamente com as recentes altas nos preços internacionais do produto devido aos problemas climáticos nos Estados Unidos. No terceiro trimestre, a média do Indicador Cepea/Esalq Paraná teve alta de 5,4% frente ao trimestre imediatamente anterior. Já se comparando o período de janeiro a setembro de 2019 frente ao mesmo período de 2018, a média do indicador teve queda de 4,5% (gráfico 3). No mês de outubro, os preços continuaram em alta diante das incertezas quanto ao semeio e da irregularidade das chuvas no Brasil.

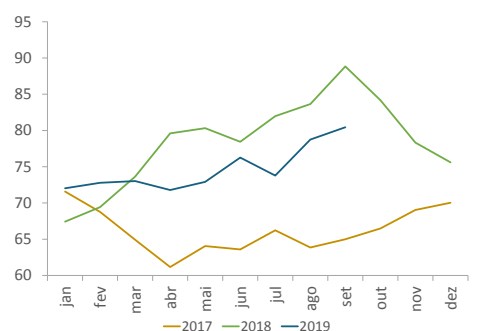
Em relação à produção doméstica da soja, a Conab apontou para uma queda de 3,6% na safra 2018/2019 em comparação com a safra anterior, via diminuição em 5,5% na produtividade diante do avanço de 2,1% na área plantada.⁷ Quanto à próxima safra (2019/2020), a Conab aponta que teve início a semeadura nos principais estados produtores, após o vazio sanitário para a soja em setembro, permanecendo

6. Seção elaborada por Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Ana Carolina de Paula Morais e Felipe Miranda de Souza Almeida; André Sanches (grãos); Fernanda Geraldini Palmieri (hotifrutícolas); Renato Garcia Ribeiro (café); Natália Salaro Grigol (leite); Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (boi); e Juliana Ferraz e Luiz Gustavo Susumo Tutui (suínos, aves e ovos), todos do Cepea/Esalq/USP.

7. Conab – Companhia Nacional de Abastecimento. *Acomp. safra bras. grãos*, v. 6 - Safra 2018/19 - 12 levantamento, Brasília, p. 1-126 setembro 2019.

com a tendência geral de crescimento de área plantada encontrada na média nas últimas safras. Apesar de o avanço da semeadura na região Centro-Oeste, principal região produtora, ocorrer em ritmo lento, principalmente pela baixa umidade no solo ocasionada pela falta de chuva na região, espera-se uma produção recorde para a safra 2019/2020, com aumento de 4,7% em relação à safra 2018/2019, com área 1,9% maior e crescimento de 2,7% na produtividade.⁸

GRÁFICO 3
Indicador Cepea/Esalq Paraná de preço da soja
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.

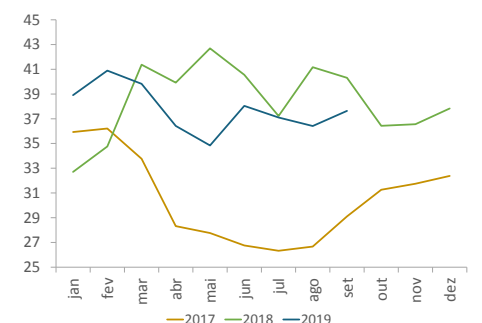


Perspectivas Soja:

o semeio da safra 2019/2020 teve início em meados de setembro nas principais regiões produtoras do país. As condições climáticas e o desenvolvimento das lavouras devem influenciar diretamente o comportamento dos preços.

O preço do milho teve quedas em julho e agosto, pressionado, principalmente, pelo avanço da colheita da segunda safra brasileira. Todavia, a produção recorde da safra 2018/2019 no país, aliada a preços competitivos no mercado internacional, atraiu o interesse de importadores e as exportações apresentaram ritmo forte nos últimos meses. Esse cenário influenciou no aumento do preço em setembro e em outubro. Para a região de Campinas, São Paulo, a média do Indicador Esalq/BM&FBovespa de preço do milho no terceiro trimestre foi 1,7% superior à do trimestre anterior. Já na comparação entre janeiro a setembro de 2019 com o mesmo período do ano passado, o preço teve queda de 3% (gráfico 4).

GRÁFICO 4
Indicador Esalq/BM&FBovespa de preço do milho
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Milho:

As exportações devem continuar aquecidas e os preços maiores nas regiões dos portos podem sustentar um movimento de alta no mercado doméstico.

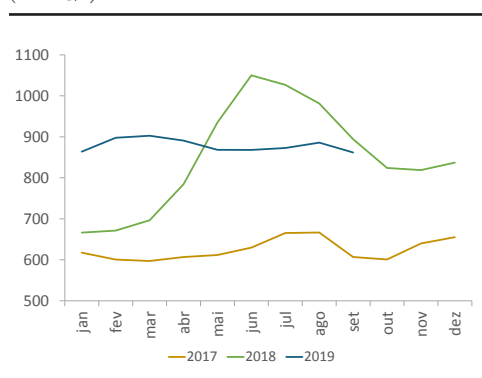
8. Conab – Companhia Nacional de Abastecimento. *Acomp. safra bras. grãos*, v. 7 Safra 2019/20 -1 levantamento, Brasília, p. 1-114, outubro 2019.

Quanto à produção de milho, a Conab estimou que a safra 2018/2019 teve aumento de 23,9% em relação à safra passada, impulsionada pela segunda safra (36,9%), com maiores produtividade e área. Para a safra 2019/2020, a Companhia aponta para uma safra 1,7% menor, com a área praticamente constante e uma queda da produtividade. No caso da segunda safra, responsável por 70% da produção nacional, as expectativas vão depender da semeadura da soja.

O preço do trigo teve altas modestas em julho e agosto, período que se caracterizou como de menor disponibilidade do cereal. Nesse período, compradores com necessidade de repor estoques tiveram que pagar mais por ele. A colheita no país se intensificou em setembro, e os preços caíram no mercado doméstico. A média do Indicador Cepea/Esalq de preço do trigo Paraná no terceiro trimestre do ano teve leve queda de 0,3% frente ao trimestre anterior, ao passo que, na comparação entre janeiro a setembro de 2019 e de 2018, o preço teve alta de 2,7% (gráfico 5).

Segundo a Conab, na safra 2018/2019 de trigo, ainda não finalizada, as lavouras da região Sul enfrentaram problemas climáticos (geadas e estiagem) que impactaram a produtividade. Com isso, houve uma reestimativa para baixo da produção esperada, atualizadas para uma queda de 5,1%. Ainda não há perspectivas para a próxima safra.

GRÁFICO 5
Indicador Cepea/Esalq Paraná de preço do trigo
(Em R\$/t)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



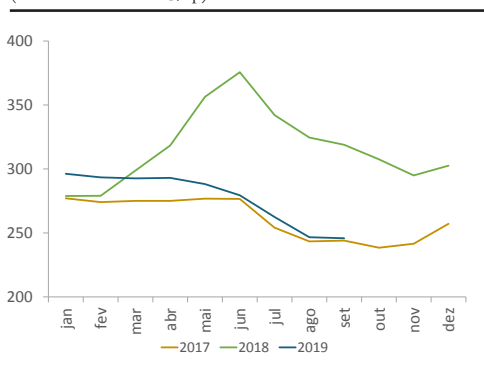
Perspectivas Trigo:

A perspectiva é de que o avanço da colheita pressione os preços domésticos para baixo.

O preço da pluma de algodão teve queda no terceiro trimestre, pressionado pelo avanço da colheita e consequente maior disponibilidade. No terceiro trimestre do ano, a média do Indicador Cepea/Esalq de preço do algodão foi 12,3% inferior ao trimestre anterior. Na comparação entre janeiro a setembro de 2019 e o mesmo período de 2018, o preço também teve queda de 13,6% (gráfico 6). No mês de setembro e em meados de outubro, os preços ficaram praticamente estáveis – com a maior parte da produção já comercializada, produtores optaram por adiar novas negociações na perspectiva de preços maiores.

GRÁFICO 7

Indicador Cepea/Esalq do preço do algodão em pluma
(Em centavos de R\$/lp)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Algodão:

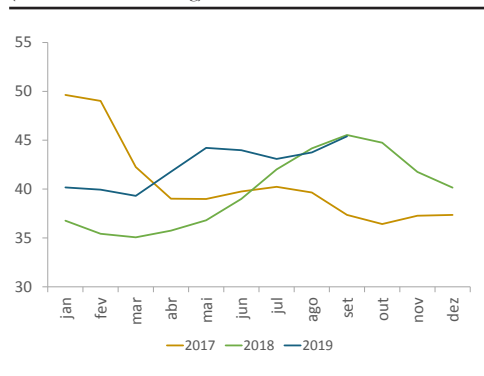
A baixa disponibilidade de pluma de alta qualidade (a maior parte já foi negociada) e as recentes altas nos preços internacionais são fatores indicativos de alta dos preços.

Para a produção de algodão, segundo a Conab, houve crescimento de 35,9% entre as safras 2017/2018 e 2018/2019, reflexo da expansão em 37,8% na área plantada, com queda de 1,3% na produtividade. A Companhia espera que a safra 2019/2020 mantenha a tendência de crescimento de área (1,2%). Entretanto, a produção pode ser ligeiramente menor (-0,4%) que o volume recorde da safra 2018/2019, via queda de produtividade (-1,5%). Os produtores ainda esperam o fim do período do vazio sanitário para iniciar a produção, e o plantio deve iniciar em novembro.

O preço do arroz teve alta no terceiro trimestre do ano, provavelmente refletindo a menor disponibilidade no período de entressafra e a necessidade da indústria compradora de repor estoques. Na média do terceiro trimestre, o Indicador Esalq/Senar Rio Grande do Sul do arroz em casca teve aumento de 1,7% em relação ao trimestre anterior e, na comparação entre períodos (janeiro a setembro), houve aumento de 8,9%. Em outubro, os preços continuaram sendo sustentados pela maior demanda.

GRÁFICO 7

Indicador Esalq/SENAR-RS do preço do arroz em casca
(Em R\$/ saca de 50 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Arroz:

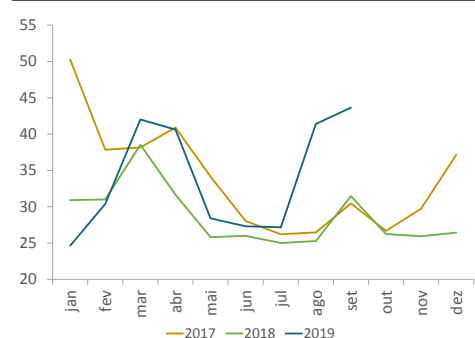
A perspectiva é que os produtores sigam atentos ao clima e ao desenvolvimento das lavouras. O semeio das lavouras na região Sul do país teve início em meados de setembro.

Quanto à produção de arroz na safra 2018/2019, a Conab estimou queda de 13,4% frente à safra 2017/2018, com a produtividade quase estável (0,6%) e menor área (-13,9%). Para a safra 2019/2020, a Companhia aponta para a continuidade da tendência de queda da área destinada a cultura (-0,6%). Entretanto, com o aumento esperado da produtividade (2,5%), a produção da próxima safra pode ser 1,9% maior. Segundo a Companhia, essa tendência de queda de área marca sobretudo as de sequeiro de modo que, apesar da redução de área com a cultura nos últimos anos, com o aumento da proporção de áreas irrigadas (de maior produtividade) e o investimento do produtor em tecnologias, a produção tem se mantido ajustada ao consumo nacional.

No que diz respeito aos hortifrutícolas, o preço médio de comercialização da banana nanica teve aumento de 16,5% entre o segundo e o terceiro trimestre de 2019, com aumento de 15,1% na comparação entre janeiro a setembro de 2019 e de 2018 (gráfico 8). Isso decorreu de uma redução da oferta da banana nanica de primeira qualidade. O clima mais frio nas principais regiões produtoras – Vale do Ribeira (São Paulo) e Norte de Santa Catarina – no início do trimestre limitou o desenvolvimento da variedade e resultou na maior incidência do *chilling* (escurecimento da casca). Ademais, a oferta da variedade prata também esteve menor, já que a safra atrasou e registrou menores volumes nas principais regiões produtoras – norte de Minas Gerais e Bom Jesus da Lapa (Bahia). Em outubro, contudo, as maiores temperaturas resultaram em leve aumento de oferta de banana nanica e a oferta de prata também aumentou.

Quanto à produção total de banana no país, dados do LSPA/IBGE apontam para aumento de 5,1% em 2019, frente a 2018, que deve ocorrer via alta de 5,8% na produtividade.

GRÁFICO 8
Companhia de Entrepostos e Armazéns Gerais de São Paulo (Ceagesp): preço médio de comercialização da banana nanica no atacado (Em R\$/ caixa de 22 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



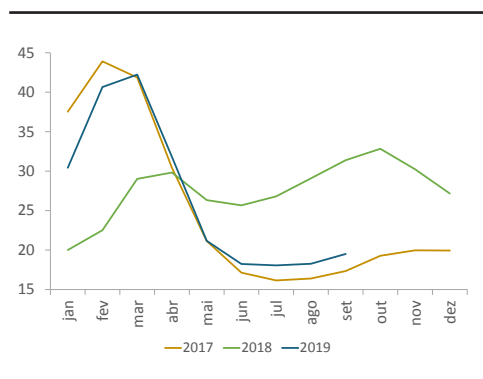
Perspectivas Banana:

Para o último trimestre de 2019, espera-se alta no volume de banana nanica em dezembro, o que pode pressionar para baixo os preços. Além disso, este aumento de oferta coincide com o período das férias escolares, que afetam negativamente a demanda pela fruta.

Novamente, o terceiro trimestre de 2019 foi marcado por queda expressiva nos preços da laranja pera no mercado *in natura*. Na comparação com o segundo trimestre, a queda foi de 21,6%. Com isso, na comparação entre os períodos de janei-

ro a setembro de 2018 e 2019, a relação de preços se tornou ligeiramente negativa, com queda de 0,1% (gráfico 9). Frente ao ano passado, a queda de preços ainda reflete a maior safra em 2019/2020, ao passo que a queda entre os trimestres em 2019 ocorreu já que o terceiro é o período de pico de safra de laranja (principalmente a variedade pera). Além da oferta, o consumo no período também costuma ser menor, devido às férias escolares e ao inverno; mas, a demanda industrial foi aquecida no período, amenizando a queda no mercado doméstico.

GRÁFICO 9
Estado de São Paulo: preço médio de comercialização da laranja pera *in natura* no atacado
 (Em R\$/ caixa de 40,8 kg, na árvore)



Fonte: Cepea/Eisalq/USP.

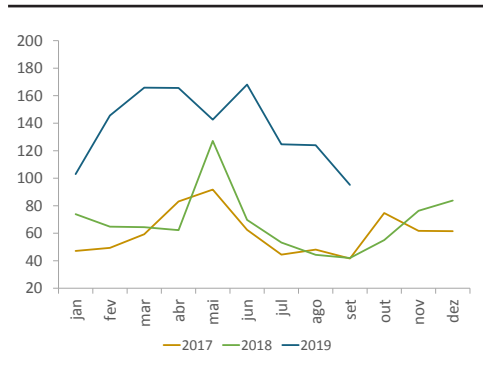


Perspectivas Laranja:

O preço pode se recuperar no último trimestre, movimento que começou a ocorrer em outubro. Apesar da colheita das variedades tardias, a laranja pera deve ter menor oferta. Além disso, o clima quente de setembro e outubro limitou a oferta de laranjas com maior qualidade. O consumo geralmente se eleva na primavera e no verão.

Segundo o LSPA/IBGE, a produção de laranja deverá ser 6,3% maior em 2019, frente a 2018, resultado da maior produtividade esperada (5,9%) e da estabilidade da área colhida (0,3%).

GRÁFICO 10
Ceagesp: preço médio de comercialização da batata ágata especial no atacado
 (Em R\$/ saco de 50kg)



Fonte: Cepea/Eisalq/USP.



Perspectivas Batata:

Espera-se que os preços se elevem no último trimestre. A partir de outubro, a safra de inverno se aproximou de sua finalização, e a oferta deve se manter reduzida até o final de novembro – início, ainda lento, da safra das águas. Além disso, não se espera aumento de oferta para a safra das águas 2019/2020.

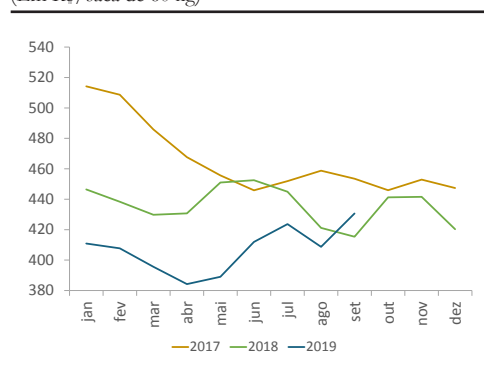
Como previsto, no terceiro trimestre de 2019, o preço da batata teve queda. Especificamente, na comparação com o trimestre imediatamente anterior, o preço médio de comercialização da batata ágata especial teve queda de 27,8%, mas, na comparação entre janeiro a setembro de 2018 e de 2019, continuaram em patamar 105,2% maior (gráfico 10). A queda resultou da colheita da safra de inverno no

trimestre, que, em geral, tem maior oferta que as demais safras. Apesar da queda do preço no terceiro trimestre, o patamar registrado foi um dos maiores para o período nos últimos vinte anos, em função da redução de área de plantio após dois anos anteriores de preços abaixo dos custos de produção. Segundo o LSPA/IBGE, a produção total de batata em 2019 deve ser 0,35% menor que a obtida em 2018, com queda principalmente na terceira safra.

O preço do café arábica teve alta no terceiro trimestre de 2019, depois de apresentar quedas nos dois trimestres anteriores. Na comparação entre o segundo e o terceiro trimestre de 2019, o Indicador Cepea/ESALQ do café arábica apresentou alta de 6,6%. Entretanto, no acumulado do ano (2018 *versus* 2019), isto é, de janeiro a setembro, ainda houve queda de 6,8% (gráfico 11). A alta dos preços neste último trimestre, que ocorreu desde junho, foi reflexo das preocupações quanto ao clima no Brasil, que poderia afetar a oferta do grão. Em julho, a incidência de geadas manteve o setor atento a possíveis impactos tanto para a safra 2019/2020 quanto 2020/2021. Já a partir do final de agosto, as altas temperaturas e as chuvas escassas preocuparam produtores.

Quanto à produção de café, a Conab estima produção e produtividade média inferiores às observadas na safra 2018, influenciados pelo ciclo de bialidade negativa somado a condições climáticas adversas – incidência de altas temperaturas e escassez de chuvas.⁹ Para 2020, agentes do mercado e cooperativas têm indicado que a safra também pode ser inferior à 2018 (apesar da bialidade positiva), devido principalmente a complicações climáticas.

GRÁFICO 11
Indicador Cepea/ESALQ do café arábica
(Em R\$/saca de 60 kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Café:

Apesar das preocupações iniciais quanto ao clima, se os níveis de chuvas retornarem às regiões produtoras em novembro, a produção deverá ser boa. Esse cenário, se confirmado, poderá pressionar para baixo o preço do café, especialmente do robusta, que também deve ser pressionado pela colheita no Vietnã (maior produtor da variedade).

A média do preço do leite ao produtor no Brasil teve queda de 9,1% entre o segundo e o terceiro trimestre de 2019, enquanto na comparação entre janeiro a setembro de 2019 e o mesmo período de 2018, manteve alta de 13,8%. Sazonalmente, o preço do leite chega ao maior valor do ano em julho e agosto, devido à entressafra no Sudeste. No entanto, em 2019, os preços tiveram queda expressiva nesse período devido à pressão das indústrias de laticínios, que tiveram suas margens reduzidas no primeiro semestre (altos preços da matéria-prima e baixa demanda por

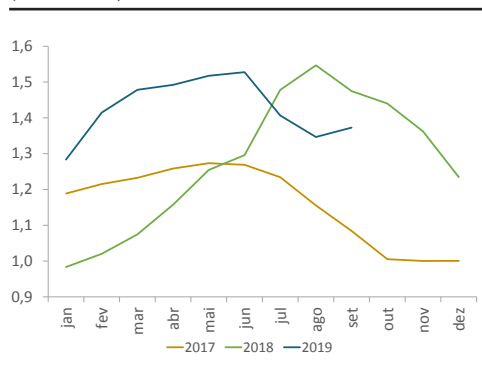
9. Conab – Companhia Nacional de Abastecimento. *Acomp. safra brasileira de café*, v. 5– Safra 2019, n. 3 - 3 levantamento, Brasília, p. 1-48, setembro 2019.

produtos lácteos). Especificamente em setembro, o preço do leite (referente ao captado em agosto) teve alta, movimento atípico de mercado, já que, sazonalmente, setembro marca o início da safra e a reversão da tendência de alta nos preços. Isso ocorreu pois a oferta de leite no campo continuou limitada no decorrer de agosto e, para assegurar a compra de matéria-prima, diminuir a ociosidade não planejada e manter participação de mercado, as indústrias continuaram atuando com concorrência acirrada. A maior disputa impulsionou as cotações do leite. Além do fator sazonal, a baixa oferta no campo no terceiro trimestre foi reforçada pelo atraso no retorno das chuvas no Sudeste, pela saída de produtores da atividade nos últimos anos e pela insegurança dos produtores em realizar investimentos frente às incertezas no curto prazo.

Dados da Pesquisa Trimestral do Leite (PTL) do IBGE mostram que, no segundo trimestre de 2019, a captação de leite cru no Brasil teve queda de 5,8% em relação ao primeiro. Já na comparação entre os primeiros semestres de 2018 e de 2019, houve aumento de 5%. Ressalta-se, no entanto, que os dados da PTL retratam apenas o mercado formal de leite, pois pela PTL não é possível inferir diretamente sobre os movimentos da produção no campo.

GRÁFICO 12

Brasil: preço do leite recebido pelo produtor (preço líquido, sem frete e impostos)
(Em R\$/litro)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



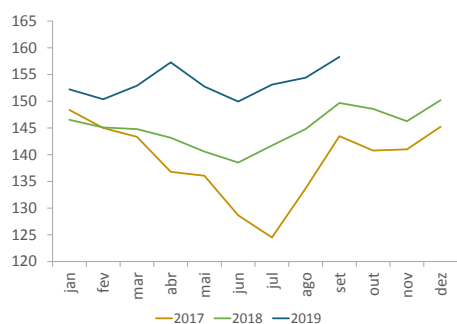
Perspectivas Leite:

A lenta retomada da produção na primavera tem dificultado a previsão de oferta e gerado especulações entre agentes do setor. Com o retorno das chuvas em outubro, é possível que a captação seja favorecida e os preços de novembro caiam em alguma medida – mas, a intensidade da queda vai depender da capacidade de crescimento da produção. Os agentes de mercado não esperam quedas importantes para novembro, e a maior variação poderá ocorrer a partir de dezembro.

Ao longo do terceiro trimestre de 2019, o Indicador ESALQ/B3 do preço do boi gordo apresentou aumento. Na comparação com o trimestre anterior, houve aumento de 1,3% e, no acumulado do ano (janeiro a setembro de 2019 frente ao mesmo período de 2018), o indicador teve alta de 6,7% (gráfico 13). A combinação de oferta restrita de animais prontos para abate – em função da entressafra – com bom desempenho das exportações impulsionou os preços da arroba bovina no trimestre, confirmando as expectativas positivas que agentes do setor mantinham para o período. Em setembro, o Indicador ESALQ/B3 ultrapassou o recorde nominal de preços, registrado em abril de 2016. Os embarques mensais acima das 100 mil toneladas por quinze meses consecutivos, um resultado inédito para a pecuária nacional, promoveram aumento importante dos preços da carne no mercado brasileiro, que também superaram o patamar recorde da série histórica no mercado atacadista. Esse movimento é ainda mais relevante considerando-se a demanda doméstica fragilizada dado o fraco desempenho da economia.

GRÁFICO 13

Indicador Esalq/B3 do preço do boi gordo
(Em R\$/arroba)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas Boi:

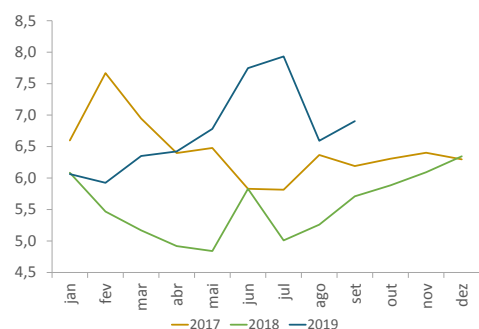
Para os três últimos meses de 2019, os contratos futuros da B3 têm sido negociados em valores ainda maiores que os verificados atualmente no mercado físico. A expectativa de novos incrementos ao valor da arroba está pautada especialmente na possibilidade de oferta limitada de animais, de continuidade do bom desempenho das vendas externas e também na possibilidade de aumento sazonal da demanda doméstica.

Quanto à produção, dados da Pesquisa Trimestral do Abate (PTA) do IBGE mostram que, no segundo trimestre de 2019, o peso total das carcaças bovinas abatidas aumentou 2,7% em relação ao primeiro trimestre de 2019, com crescimento de 4% na comparação entre o primeiro semestre de 2019 e o mesmo período de 2018.

No terceiro trimestre, o preço da carcaça especial suína no atacado da capital paulista teve aumento de 2,3% em relação ao trimestre anterior, sobretudo devido ao elevado preço registrado em julho. As exportações aquecidas e a consequente procura de grandes agroindústrias por lotes de animais no mercado independente impulsionaram os preços do animal vivo e da carne. No fim de julho, com a demanda doméstica enfraquecida e algum recuo das exportações, os preços tiveram queda. A partir da segunda quinzena de setembro e até meados de outubro, a procura dos frigoríficos por novos lotes de animais voltou a elevar a liquidez dos produtos de origem suínica, fazendo com que os preços voltassem a subir na cadeia. Especificamente para os preços da carcaça suína, na comparação entre janeiro a setembro de 2019 frente ao mesmo período de 2018, houve aumento expressivo de 25,7%, com esse panorama mais geral sendo influenciado sobretudo pela ocorrência da PSA nos países asiáticos (gráfico 14).

GRÁFICO 14

Grande São Paulo: preço médio de comercialização da carcaça especial suína no atacado
(Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas para a carne suína

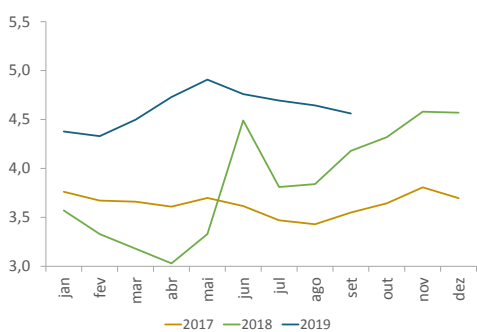
Espera-se que o movimento de alta nos preços continue. Além do bom ritmo das exportações, as festas de final de ano costumam aquecer a demanda pela proteína suína

Quanto à produção de carne suína, dados da PTA/IBGE mostram que o abate teve alta (2,73%) no segundo trimestre, frente ao primeiro. Assim, na comparação semestral, o abate em 2019 esteve em patamar 4% maior que o do primeiro semestre de 2018.

Após expressivas altas no segundo trimestre, o preço do frango abatido teve queda no terceiro trimestre de 2019. A baixa liquidez nas negociações e os maiores estoques gerados pela dificuldade em escoar a produção – as exportações ficaram aquém das esperadas, embora o desempenho tenha sido favorável – pressionaram o preço, situação que permaneceu até meados de outubro. O preço médio do frango resfriado, no atacado da Grande São Paulo, teve queda de 3,5% frente ao trimestre anterior; no entanto, comparando-se o período de janeiro a setembro de 2019 frente ao mesmo período de 2018, o preço médio teve aumento de 26,7% (gráfico 15).

GRÁFICO 15

Estado de São Paulo: preço médio de comercialização do frango abatido (inteiro resfriado) no atacado (Em R\$/kg)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



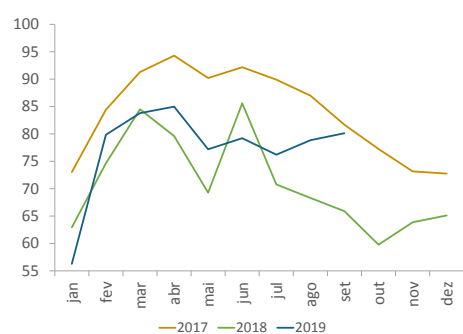
Perspectivas para a carne de Frango

A venda de carne de frango foi abaixo do esperado pelos produtores para esse trimestre. Para os próximos meses, a expectativa é de que possa haver uma leve recuperação, tanto nas vendas domésticas quanto externas. Sob a ótica doméstica, as sucessivas altas de preços das carnes bovina e suína podem manter estáveis ou mesmo aumentar o preço da carne de frango. Sob a externa, a melhora esperada fundamenta-se no aquecimento da demanda da China, com a PSA.

Quanto aos abates de aves, segundo dados da PTA/IBGE, houve leve queda no peso total das carcaças abatidas no segundo trimestre de 2019 se comparado com o primeiro trimestre (-0,35%) e também na comparação semestral (-1,42%).

GRÁFICO 16

Bastos, São Paulo: indicador Cepea/Esalq do preço do ovo tipo extra branco (Em R\$/caixa com 30 dúzias)



Fonte: Cepea/Esalq/USP.



Perspectivas - Ovos

Para os próximos meses, a expectativa é de que os preços do produto se conservem estáveis, mantendo a média dos praticados no trimestre anterior, porém, acima do registrado no mesmo período do ano passado.

Depois de apresentar queda em julho, principalmente devido à redução da liquidez com o período de férias escolares, o preço dos ovos tipo extra teve alta nos meses subsequentes. Ainda assim, na comparação entre o terceiro e o segundo trimestre, o preço teve queda de 2,6%. Já na comparação entre as médias de janeiro a setembro de 2018 e de 2019, houve aumento de 5,3% (gráfico 16).

Quanto à produção de ovos, dados da Produção de Ovos de Galinha (POG) do IBGE apontam que houve alta de 1,9% entre o primeiro e o segundo trimestre. Na comparação entre o primeiro semestre de 2019 e igual período do ano passado, a produção de ovos cresceu 7,3%.

Em resumo, os mercados pecuários foram marcados por preços mais altos em 2019, até o fechamento deste texto. Esse resultado foi influenciado sobretudo pelo bom desempenho das exportações de carnes, com destaque para o impacto da PSA. No caso do leite, o desincentivo à atividade nos últimos anos e a ocorrência de alguns problemas climáticos ao longo de 2019, ambos impactando negativamente a oferta no campo, influenciaram a alta nos preços.

Especificamente em agosto e setembro, de modo geral, foram verificadas quedas de preços para os produtos pecuários. No caso das carnes suína e de aves, as exportações, embora em bom ritmo, ficaram aquém das esperadas, o que, aliado à fraca demanda doméstica, pressionou os preços. Conforme destacado em texto do Cepea,¹⁰ entre janeiro e julho de 2019, a ocorrência da PSA nos países asiáticos e uma restrição mais intensa que a sazonal esperada na oferta de leite no campo levaram a aumentos não esperados nos preços das carnes e do leite, fazendo com que o Índice de Preços ao Produtor de Grupos de Produtos Agropecuários (IPPA/Cepea) se mantivesse próximo ao limite superior do seu valor esperado. Já no bimestre agosto-setembro, os preços pecuários tiveram queda, retornando à normalidade.

No caso dos hortifrutícolas, a maior safra da laranja tem pressionado os preços para baixo ao longo do ano, enquanto para a batata e a banana houve aumento expressivo frente a 2018. O preço dos hortifrutícolas também contribuiu para o aumento dos preços agropecuários (IPPA/Cepea) ao longo de 2019, mas principalmente nos períodos de março a abril e agosto a setembro.

No caso dos grãos, a desvalorização do real frente ao dólar no terceiro trimestre favoreceu os preços, sobretudo para a soja – já que, para o algodão e o milho, o avanço da colheita atuou com força contrária, pressionando as cotações no mercado doméstico. Considerando o panorama geral de 2019 até o momento, os preços estão em menores patamares para soja, milho e algodão, e maiores para o arroz e o trigo. As grandes safras do milho e do algodão são o principal fator de pressão sobre os preços em 2019.

10. Barros, G.S.C. et al. Índices de Preços ao Produtor de Grupos de Produtos Agropecuários (IPPA): janeiro a julho de 2019. Piracicaba: CEPEA, setembro de 2019.

4 Crédito rural: Ano-safra 2018-2019¹¹

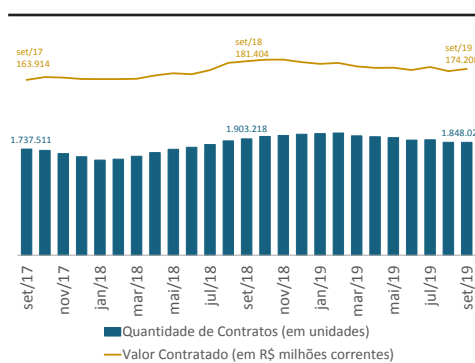


O volume de contratação do crédito rural avançou em setembro de 2019 ante o mês anterior, mas ainda encontra-se abaixo do nível de doze meses atrás. O mau desempenho das linhas às pessoas jurídicas no último ano é o principal responsável, todavia, o crédito às pessoas físicas, de todos os portes – Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf), Programa Nacional de Apoio ao Médio Produtor Rural (Pronamp) e PF empresarial – tem avançado positivamente, em especial para custeio e investimento. Os bons resultados do crédito concedido pelas cooperativas e com base nas fontes de recursos não controlados, como a Letra de Crédito do Agronegócio (LCA), também merecem destaque. Por fim, as condições de concessão do crédito rural se mantêm positivas, com redução da taxa média de juros, ampliação dos prazos às pessoas físicas e estabilidade da inadimplência, mesmo após o forte ajuste observado na carteira das pessoas jurídicas.

4.1 Contratações de crédito¹²

Em setembro de 2019, o volume total de crédito rural contratado no país, no acumulado em doze meses, alcançou R\$ 174,2 bilhões. Ainda que esse montante represente aumento de 1,2% ante o acumulado de doze meses até agosto de 2019, ele também aponta um recuo de 4,0% em relação a setembro de 2018. O mesmo é observado em relação à quantidade total de contratos, que somou 1,8 milhão em setembro de 2019, no acumulado em doze meses, representando 0,1% ante agosto de 2019 e -2,9% ante setembro de 2018. O valor médio do contrato de crédito rural nesse período até setembro de 2019 foi de R\$ 94.267,38, crescimento de 1,1% ante agosto de 2019 e queda de 1,1% ante setembro de 2018.

GRÁFICO 17
Crédito Rural Contratado
(Acumulado em doze meses)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 16 de outubro de 2019.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Essa aparente acomodação do volume do crédito rural em 2019, ou até mesmo declínio ante o ano de 2018, esconde um desempenho diverso quando são analisadas as tipologias do crédito. A pecuária, por exemplo, que alcançou R\$ 56,5 bilhões de crédito contratado no acumulado em doze meses até setembro de 2019, registrou seu terceiro avanço mensal contínuo no ano, com 1,8% ante agosto de 2019, ampliando para 32,4% sua participação no total do crédito rural contratado

11. Subseção elaborada por Fabio Ribeiro Servo da Dimac/Ipea. Dados compilados a partir do Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (Sicor) do Banco Central, por meio da Matriz de Dados do Crédito Rural (MDCR).

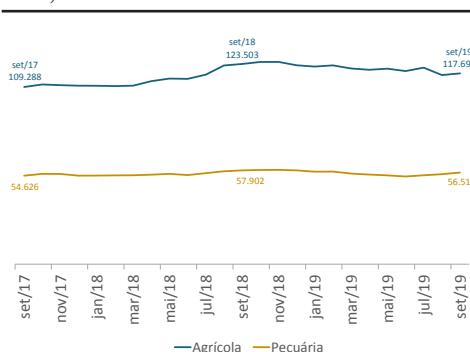
12. Dados do Banco Central do Brasil (BCB), extraídos da Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR).

(contra 31,9% em setembro de 2018). Já a atividade agrícola totalizou R\$ 117,7 bilhões de crédito contratado em doze meses, crescimento de 0,9% em setembro de 2019 ante agosto do mesmo ano, recuperando parte da significativa queda (de 3,8%) da variação observada no mês anterior. Ainda assim, ambas as atividades apontam recuo do volume de crédito contratado em doze meses em relação à setembro de 2018: -2,4% para a pecuária e -4,7% para a agricultura.

A finalidade do crédito é ainda mais rico no que tange a esse desempenho diverso. Enquanto o custeio e o investimento registram avanço, a comercialização-industrialização apontam significativo recuo após grande crescimento em 2018. Em setembro de 2019, o valor do crédito para custeio, no acumulado em doze meses, alcançou R\$ 99,1 bilhões (ou 56,9% do total), aumento de 2,3% em relação a igual mês do ano passado. Para investimento, o crédito contratado, com R\$ 43,5 bilhões (ou 25,0% do total) no acumulado em doze meses, e que também registrou bom desempenho em 2018, tem mantido o volume do ano anterior com crescimento de 0,8% em setembro de 2019 ante mesmo mês do ano anterior. Já o crédito para fins de comercialização-industrialização, com R\$ 31,6 bilhões (ou 18,1% do total), e que em 2018 recebeu especial atenção no que tange às linhas de estocagem e construção de silos, indica recuo de 23,5% em setembro de 2019 ante igual mês de 2018. Em relação à variação mensal, o crédito, no acumulado em doze meses para custeio e investimento tem registrado relativa acomodação nos últimos meses, ao passo que as linhas de comercialização-industrialização mantêm trajetória de suave queda com alguma volatilidade nos últimos meses.

GRÁFICO 18

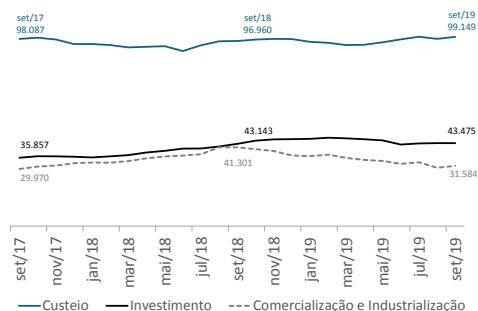
Crédito rural contratado por atividade
(Valor real acumulado em doze meses, em R\$ milhões correntes)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 16 de outubro de 2019. Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 19

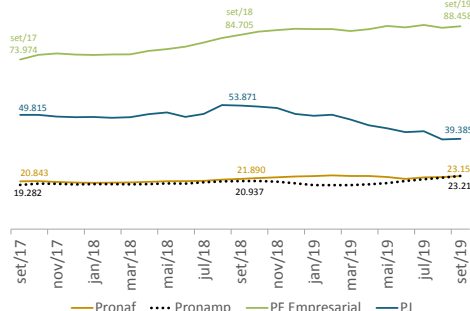
Crédito Rural Contratado por Finalidade
(Valor acumulado em doze meses, em R\$ milhões correntes)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 16 de outubro de 2019. Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

GRÁFICO 20

Crédito Rural Contratado por Tomador
(Valor acumulado em doze meses, em R\$ milhões correntes)

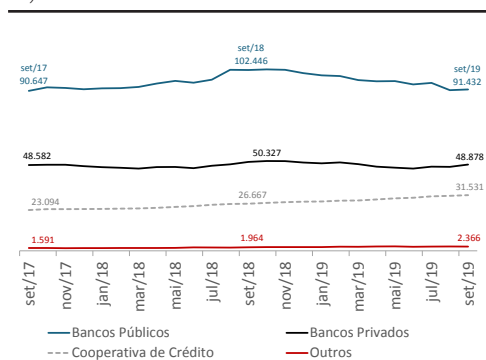


Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 16 de outubro de 2019. Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

O grande responsável desse desempenho não tão positivo do crédito contratado neste ano são as operações com pessoas jurídicas. Enquanto essas apresentam clara tendência de baixa, no acumulado em doze meses, a partir de agosto de 2018, o comportamento é bem diverso quando se consideram as operações com pessoas físicas. Em setembro de 2019, o crédito contratado pelas pessoas jurídicas, com R\$ 39,4 bilhões (ou 22,6% do total), ainda que tivesse ligeira recuperação de 0,6% ante agosto de 2019, registrava expressiva queda de 26,9% ante setembro de 2018. Já o crédito às pessoas físicas empresariais, de maior porte,¹³ que totalizaram R\$ 88,5 bilhões em setembro de 2019 (ou 50,8% do total), no acumulado em doze meses, observava crescimento de 0,7% ante agosto de 2019 e 4,4% ante setembro de 2018. Os pronafianos e pronampianos têm desempenho ainda melhor, alcançando ambos R\$ 23,2 bilhões (ou 13,3% do total) de crédito contratado em setembro de 2019 no acumulado em doze meses, avanço de 1,7% e 3,5%, respectivamente, ante agosto de 2019. Na comparação com setembro de 2018, o crédito aos pronafianos registra alta de 5,8%, ao passo que aos pronampianos, 10,9%. Esse resultado reflete o maior foco da política de crédito rural dado aos produtores enquadrados no Pronaf e no Pronamp.

Outro fator que não contribuiu com um desempenho menos favorável com o crédito rural foi o ajuste na atuação dos bancos públicos na contratação do crédito. O volume das contratações no acumulado em doze meses junto a bancos públicos registrou R\$ 91,4 bilhões (ou 52,5% do total, bem inferior aos 56,5% há 1 ano), queda de 10,8% ante setembro de 2018, ainda que tenha crescido 0,5% na variação mensal ante agosto de 2019. O crédito contratado junto aos bancos privados, com R\$ 48,9 bilhões (ou 28,1% do total) em setembro de 2019, também registrou decréscimo, ainda que em menor magnitude, ante igual mês do ano anterior, com -2,9%, e aumento de 2,7% ante agosto de 2019. Já o crédito rural originado pelas cooperativas de crédito mantém uma sólida trajetória de crescimento, com R\$ 31,5 bilhões no mês, alta de 1,3% ante agosto de 2019 e de 18,2% ante setembro de 2018. Vale destacar que as cooperativas de crédito já respondem em setembro de 2019, no acumulado de doze meses, por 18,1% do total de crédito contratado, bem superior à participação de 14,7% registrada há um ano. Elas têm ocupado parte do espaço deixado pelos bancos públicos.

GRÁFICO 21
Crédito Rural Contratado por Concedente
 (Valor acumulado em doze meses, em R\$ milhões correntes)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 16 de outubro de 2019. Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

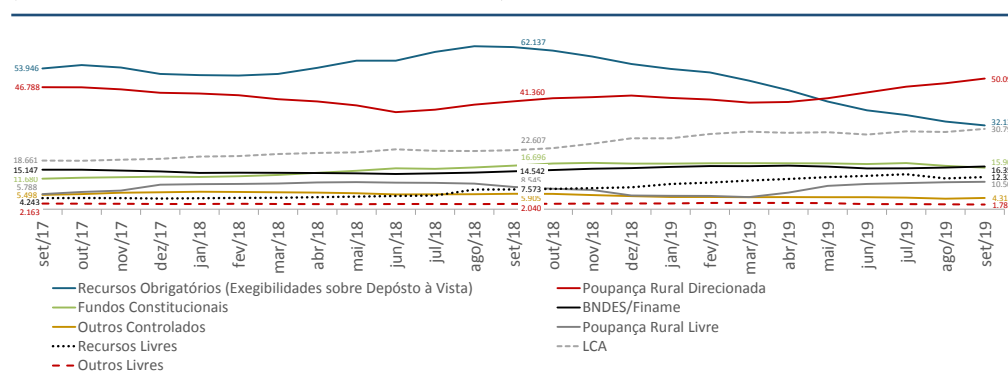
13. Pequeno produtor (Pronaf): até R\$ 415 mil de renda bruta agropecuária anual (RBA). Médio produtor (Pronamp): superior a R\$ 415 mil e até R\$ 2 milhões de RBA. Grande produtor (PF empresarial): superior a R\$ 2 milhões de RBA.

Por fim, outra tendência importante é confirmada pelo comportamento das fontes de recursos do crédito contratado. Em setembro de 2019, o volume de recursos controlados direcionados ao crédito rural, no acumulado em doze meses, alcançou R\$ 118,8 bilhões, registrando recuo de 15,5% ante setembro de 2018, ainda que na variação mensal tenha apresentado ligeira alta de 0,3% ante agosto de 2019. Já os recursos livres, não direcionados, totalizaram R\$ 55,4 bilhões no mesmo mês, avanço de 35,9% ante setembro de 2018 e 3,3% ante agosto de 2019. Há um ano, os recursos controlados e não controlados representavam, respectivamente, 77,5% e 22,5% do crédito rural contratado acumulado em doze meses. Atualmente (setembro de 2019), os recursos controlados respondem por 68,2% e os não controlados por 31,8% do total, respectivamente. A trajetória de queda do crédito contratado com base nos recursos controlados deve-se à redução das aplicações de recursos obrigatórios sobre depósitos à vista (-48,3% ante setembro de 2018) e só não tem tido desempenho pior devido à evolução da poupança rural direcionada (crescimento de 21,1% ante setembro de 2018) e do BNDES/Finame (crescimento de 12,5% ante setembro de 2018). Já o crédito a partir de recursos não controlados deve seu ótimo desempenho à evolução positiva da LCA (36,2% ante setembro de 2018), dos recursos livres (62,7% ante setembro de 2018), e da poupança rural livre (23,0% ante setembro de 2018).

GRÁFICO 22

Crédito Rural Contratado por Fonte

(Valor acumulado em doze meses, em R\$ milhões correntes)



Fontes: Banco Central do Brasil, Matriz de Dados do Crédito Rural (MCR) com base no Sistema de Operações do Crédito Rural e do Proagro (SICOR). Extração de 16 de outubro de 2019.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

4.2 Condições do crédito¹⁴

Em setembro de 2019, acompanhando a redução da taxa básica de juros, as taxas médias praticadas nas operações de crédito rural registraram a terceira redução consecutiva. O crédito rural total apresentou taxa média de 7,1% ao ano no mês, decréscimo de 0,07 p.p. ante agosto de 2019 e 0,31 p.p. ante setembro de 2018. A queda é mais pronunciada no crédito rural às pessoas jurídicas, cuja carteira atravessou período de saneamento no último ano e registrou taxa média de 6,8% a.a. em setembro de 2019, recuo de 0,12 p.p. no mês e 1,82 p.p. em doze meses. Já as operações de crédito rural às pessoas físicas, que vinham observando elevação

14. Dados do BCB, extraídos do Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS) com base no Sistema de Informações de Crédito (SCR).

desde janeiro e 2019, com o ajuste das taxas subsidiadas a fim de reduzir o custo fiscal dessas linhas, alcançaram juros médios de 7,2% a.a., baixa de 0,05 p.p. no mês sem neutralizar a elevação de 0,73 p.p. em doze meses.

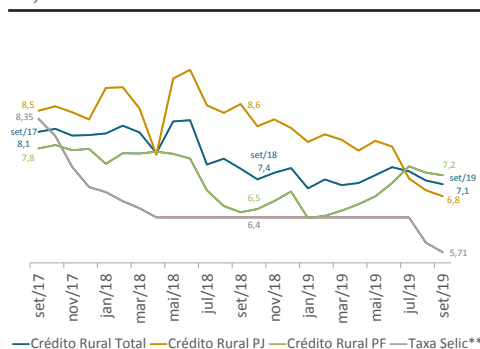
A evolução da inadimplência média do crédito rural reflete o processo de saneamento da carteira das pessoas jurídicas. O processo de recuperação judicial da Atvos (ou Odebrecht Agroindustrial) impactou diretamente a inadimplência média da carteira de crédito rural às pessoas jurídicas, levando-a para um novo patamar e afetando a inadimplência do crédito rural total. Todavia, em setembro de 2019, a inadimplência manteve relativa estabilidade com o crédito rural total com 2,8% da carteira em atraso de mais de noventa dias, ligeira elevação de 0,06 p.p. ante agosto de 2019 e manutenção do salto de 0,93 p.p. ante setembro de 2018. A carteira das pessoas jurídicas seguiu o mesmo padrão, com 5,0% de inadimplência, recuou de 0,03 p.p. no mês e alta de 4,40 p.p. em doze meses. Já o crédito rural às pessoas físicas também registrou estabilidade na inadimplência com 2,2% em setembro de 2019, 0,09 p.p. de variação no mês e -0,12 p.p. em doze meses

Finalmente, o prazo médio das novas operações de crédito rural indicou elevação devido à ampliação do prazo das linhas do BNDES às pessoas físicas. Em setembro de 2019, o crédito rural total registrou 32 meses de prazo médio, registrando uma elevação de 5 meses ante agosto de 2018; 42 meses o prazo médio para as pessoas físicas, com uma alta de 11 meses; e 19 meses o prazo médio para as pessoas jurídicas, representando uma redução de 3 meses. Em relação a setembro de 2018, os prazos médios mantiveram estabilidade.

GRÁFICO 23

Juros Médios do Crédito Rural

(Taxas de juros médias ponderadas* anualizadas, em % a.a.)



Fonte: Banco Central do Brasil, Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).

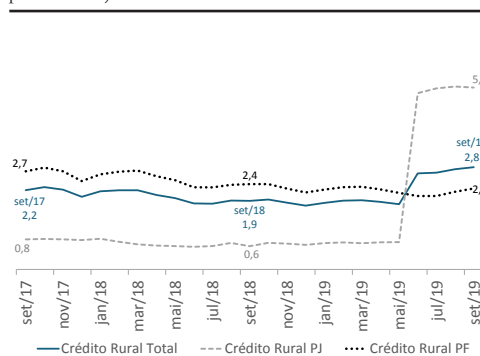
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs: *Ponderada pelo volume de novas concessões. ** Taxa Selic acumulada no mês anualizada base 252 (% a.a.)

GRÁFICO 24

Inadimplência do Crédito Rural

(Crédito em atraso de mais de 90 dias, em % da carteira ponderada*)



Fonte: Banco Central do Brasil, Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).

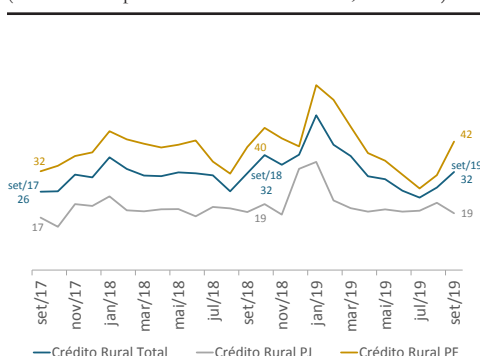
Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs: *Ponderada pelo volume dos saldos das carteiras.

GRÁFICO 25

Prazo Médio do Crédito Rural

(Prazo médio ponderado das concessões*, em meses)



Fonte: Banco Central do Brasil, Sistema Gerenciador de Séries Temporais (SGS).

Elaboração: Grupo de Conjuntura da Dimac/Ipea.

Obs: *Ponderado pelo volume de novas concessões

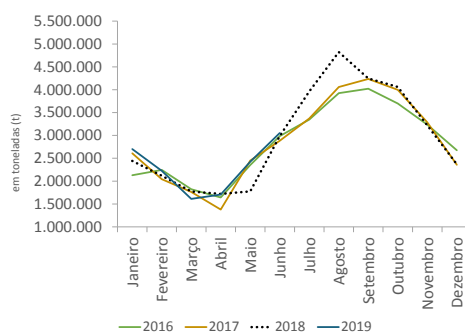


5 Insumos¹⁵



Conforme a ANDA, no acumulado do período de janeiro a junho de 2019, foram entregues 13.723 mil toneladas de fertilizantes, representando crescimento de 7,1% (gráfico 26) em relação ao mesmo período de 2018, quando foram entregues 12.819 mil toneladas. O estado do Mato Grosso concentrou o maior volume no período analisado (23,1%), com 3.173 mil toneladas, seguido pelo estado do Paraná (14,1%), com 1.935 mil toneladas; São Paulo (11,8%), com 1.616 mil toneladas; Goiás (10%), com 1.378 mil toneladas; e Minas Gerais (9,4%), com 1.291 mil toneladas, refletindo a intensidade da produção agrícola dos estados.

GRÁFICO 26
Consumo efetivo de fertilizantes, Brasil
(Em toneladas)



Fonte: ANDA, 2019.
Elaboração: Grupo de Conjuntura da DIMAC/Ipea.

Segundo a Conab, o aumento no consumo de fertilizantes ainda é reflexo da expansão da área cultivada, em especial da área plantada na safra 2018/2019, que chegou a 63 milhões de hectares, incremento de 2,4%, ou seja, 1.495,4 mil hectares em comparação à safra passada. Esse aumento foi influenciado principalmente pelo crescimento das áreas plantadas das culturas de milho segunda safra, soja e algodão.

Para a safra 2019/2020, a área plantada de grãos no Brasil está estimada em 63,9 milhões hectares. A perspectiva é de aumento de 1,1% em relação à temporada passada, que equivale a um acréscimo de 713,3 mil hectares, influenciado principalmente pelo incremento na área de soja.

Conforme apresentado na análise sobre o setor externo, as importações de fertilizantes intermediários são crescentes ao longo das últimas três décadas, refletindo a expansão da agricultura nacional por meio de incorporação de área e o aumento da produtividade, os quais não foram acompanhados pela produção nacional de fertilizantes. As importações sempre complementaram a demanda doméstica, no entanto, a produção nacional não cresceu expressivamente de volume, pelo contrário, ela está praticamente estagnada: de 2000 a 2009, a produção média anual foi de 8.711 milhões de toneladas de fertilizantes intermediários; e no período seguinte, de 2010 a 2018, a média anual cresceu levemente para 9.061 milhões de toneladas. Todavia, as importações estão sempre sendo crescentes, aumentando rapidamente a partir de 2010 (gráfico 27). Em 2010, a produção nacional de fertilizantes intermediários em relação às importações representava 61% e reduziu rapidamente para 30% no ano de 2018.

15. Seção elaborada por Nadja Simone Menezes Nery de Oliveira, da Universidad del Valle (Univalle), e Jefferson Andronio Ramundo Statuto, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste).

Comparando a evolução do primeiro semestre de 2019 com o primeiro semestre do ano anterior, a produção nacional de fertilizantes intermediários em relação às importações representava 34% e reduziu rapidamente para 28% no primeiro semestre de 2019. Esse comportamento do mercado revela a dependência crescente do setor agropecuário às importações e, além disso, contribui para a preocupante redução do valor adicionado da agricultura brasileira na cadeia global de valor.

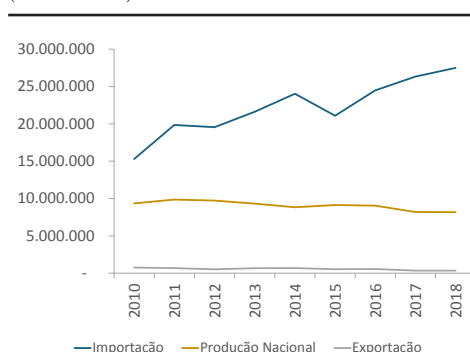
Conforme dados da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (ANFAVEA), no acumulado do período de janeiro a outubro de 2019, foram produzidas 46.452 máquinas agrícolas no Brasil, representando decréscimo de 13,4% em relação ao mesmo período de 2018, quando foram produzidas 53.621 máquinas (gráfico 28). A produção de colhedoras de cana reduziu em 14% no período, passando de uma produção de 850 para 731 unidades, reflexo da redução na produção de cana de açúcar em 1,2% na safra de 2018/2019.

Com relação às vendas internas no atacado de máquinas agrícolas, no período de janeiro a outubro de 2019 foram vendidas 37.099 unidades, redução de 6,3% em comparação ao mesmo período de 2018, no qual foram vendidas 39.581 unidades. Entre os meses de janeiro e outubro de 2019, foram vendidas 439 unidades de tratores de esteira, um incremento de 13,1% em relação ao mesmo período de 2018, no qual foram vendidas 388 unidades. As vendas de colhedoras de cana também foram aumentadas, passando de 563 unidades entre janeiro e outubro de 2018 para 576 no mesmo intervalo de tempo de 2019, o que representou leve incremento de 2,3%.

GRÁFICO 27

Importação e produção nacional de fertilizantes intermediários; e principais exportações de fertilizantes e formulação de NPK, Brasil

(Em toneladas)



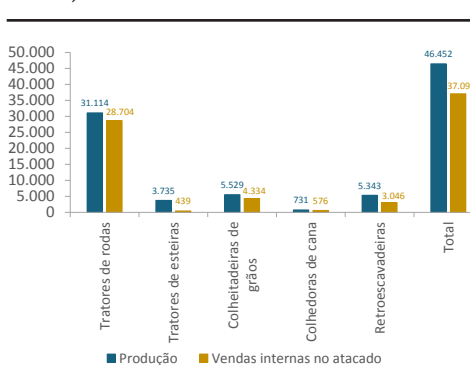
Fonte: ANDA, 2019.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da DIMAC/Ipea.

Obs.: Os dados para 2019 se referem ao primeiro semestre do ano.

GRÁFICO 28

Produção e vendas internas no atacado de Máquinas Agrícolas e Rodoviárias no Brasil (janeiro a outubro de 2019)



Fonte: ANFAVEA.

Elaboração: Grupo de Conjuntura da DIMAC/Ipea.

Equipe Responsável pela Seção de Economia Agrícola

Editores

Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)
José Ronaldo De Castro Souza Junior (Dimac/Ipea)

Nível de atividade e emprego

PIB agropecuário 2019 e 2020

Pedro Mendes Garcia (Dimac/Ipea)
José Ronaldo Souza Júnior (Dimac/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Renda no agronegócio: insumos, primário, agroindústria e agrosserviços

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros (Cepea/Esalq-USP)
Nicole Rennó Castro (Cepea/Esalq-USP)

Setor externo

Marcelo Braga Nonnenberg (Dimac/Ipea)
Ana Cecília Kreter (Dimac/Ipea)

Mercados e preços agropecuários

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros, Nicole Rennó Castro, Ana Carolina de Paula Morais e Felipe Miranda de Souza Almeida (Geral)
André Sanches (Grãos)
Fernanda Geraldini Palmieri (Hotifrutícolas)
Renato Garcia Ribeiro (Café)
Natália Salaro Grigol (Leite)
Shirley Martins Menezes e Regina Mazzini Rodrigues Biscalchin (Boi)
Juliana Ferraz e Luiz Gustavo Susumo Tutui (suínos, aves e ovos), todos do Cepea/Esalq/USP.

Crédito rural

Fabio Ribeiro Servo (Dimac/Ipea).

Insumos

Nadja Simone Menezes Nery de Oliveira (Universidad del Valle (Univalle))
Jefferson Andronio Ramundo Staduto (Universidade Estadual do Oeste do Paraná(Unioeste))



Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac)

José Ronaldo de Castro Souza Júnior – Diretor
Francisco Eduardo de Luna e Almeida Santos – Diretor Adjunto



Grupo de Conjuntura

Equipe Técnica:

Estêvão Kopschitz Xavier Bastos
Leonardo Mello de Carvalho
Marcelo Nonnenberg
Maria Andréia Parente Lameiras
Mônica Mora Y Araujo de Couto e Silva Pessoa
Paulo Mansur Levy
Sandro Sacchet de Carvalho

Equipe de Assistentes:

Ana Cecília Kreter
Augusto Lopes dos Santos Borges
Felipe dos Santos Martins
Felipe Moraes Cornelio
Felipe Simplicio Ferreira
Helena Nobre de Oliveira
Janine Pessanha de Carvalho
Leonardo Simão Lago Alvite
Pedro Mendes Garcia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.